

# **OS PREDADORES DAS BORBOLETAS EM SEU INÍCIO DO BORBOLETEAR: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS INICIANTES NOS PRIMEIROS ANOS DE CAMINHADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JessicaDalcyane Menezes Barbosa  
Viviany Gonçalves Lino Borges  
IEMS- Instituto de Educação Professora Marisa Serrano OMEP/BR/MS  
E-mails: [jessica\\_dmb@hotmail.com](mailto:jessica_dmb@hotmail.com)  
[vivytim@hotmail.com](mailto:vivytim@hotmail.com)

Eixo temático:Escutas dos/as professores/as da infância.  
Categoria: Painel

## **RESUMO**

O intuito deste artigo é o de compartilhar as experiências de duas professoras iniciantes (com menos de dois anos de experiência, como professoras de sala), desde o primeiro contato com o meio escolar, o convívio com uma nova rotina, colegas com anos de profissão, aceitação, pais, cuidados com os alunos em específico em berçário entre outras novidades; estas que vem como predadores visto que a iniciação à docência é marcada como um período de muitas inovações e crises. Será apresentado autores que dão o respaldo para compreender as dificuldades, fases da carreira e reflexão de como ensinar. Constarão memórias das primeiras experiências e com elas suas angústias e, enfatizando que não estamos estagnadas apenas no exercício da docência, mas em busca de aperfeiçoamento contínuo para um constante aperfeiçoar de nossas práticas.

**PALAVRAS-CHAVE:**Professor iniciante. Borboletear. Docência

## **INTRODUÇÃO**

Poderíamos intitular esse artigo como Dilemas de duas professoras iniciantes (aqui referenciadas como Borboleta 01 e Borboleta 02, para mantê-las resguardadas) na Educação Infantil, porém, dilema vem a ser:

“O raciocínio cuja premissa é alternativa, de sorte de qualquer dos seus termos conduz a mesma consequência, ou mesmo; no sentido figurado, é uma situação embaraçosa com duas saídas difíceis ou penosas” (HOLANDA apud LIMA, 2006, p. 72)

Preferimos então, trabalhar com a analogia entre a fase final da metamorfose das borboletas (após findada a transformação holometabólica<sup>1</sup>) e a atuação profissional de duas pedagogas.

Se observarmos, as borboletas passam por quatro fases de desenvolvimento que podem ser comparadas às fases pelas quais passam os que ingressam na vida escolar. O ovo, fase embrionária, pode aqui representar a fase inicial dos estudos; a larva/lagarta, fase em que a borboleta mais come na vida, pode ser o término do Ensino Fundamental e Ensino Médio, período em que os alunos têm mais fome de conhecimento, pois para passar de lagarta à borboleta, consome-se muita energia; pupa, a fase em que a lagarta se fecha em um compartimento seguro para sofrer a metamorfose, podemos comparar à vida acadêmica, período de grandes transformações, de crescimento, para só então, chegar-se à última fase, a borboleta/atuação profissional.

Nesta última fase, o leque de predadores é diversificado, pássaros, sapos, formigas. Empreenderemos neste artigo os predadores dos professores iniciantes ao adentrarem profissionalmente à docência, sendo esses: situações de instabilidades, desafios, choques, medos, falta de habilidades.

### **1. O que esperam os pedagogos e o que espera pelos pedagogos, ao embrenharem-se na profissão?**

A escolha pela licenciatura, não é uma decisão fácil de ser tomada, pois a desvalorização financeira e pessoal ainda presente na sociedade torna-se algo significativamente ameaçador para quem quer progredir nesta profissão, ser visto como um profissional de sucesso, mediante a carreiras “de prestígio” como Medicina e Direito é um sonho, poucas vezes alcançado.

No princípio do século XX, pertencer ao sistema educativo – ser mestre ou professor – era um verdadeiro privilégio, que permitia a incorporação a um âmbito respeitável e prestigioso, com possibilidades de autorrealização e um sentido de pertencimento significativo. Hoje em dia, pelo contrário, o trabalho docente tem sido qualificado como um trabalho de risco, participando de quase todos os fatores considerados habitualmente como fonte de fadiga nervosa: sobrecarga de tarefas, baixo reconhecimento, atenção a outras pessoas, papel ambíguo, incerteza em relação à função, falta de participação nas decisões que lhe são concernentes, individualismo e impotência(GARCIA, 2010, p.22).

Ainda assim, aqueles que optam por essa área, quase sempre por amá-la e não necessariamente pelo retorno financeiro, esperam sim alcançarem o sucesso, porém, os seus

---

<sup>1</sup> Insetos que apresentam metamorfose completa (ovo, larva, pupa, adulto).

predadores começam as ameaças logo que o casulo deixa de existir – a vida acadêmica dentro da instituição de nível superior, Universidade – ameaças estas que emergem das inseguranças internas do indivíduo.

Inseguranças estas inicialmente advindas de seu processo de escolarização, a trajetória de fracassos e êxitos, os fatos marcantes, a relação com os professores, todos esses refletirão na formação da prática profissional desse indivíduo. *O como foram ensinados, conduzirão como vão ensinar.* Pode ser que alguns vão repelir o processo pelo qual passaram e decidirão fazer tudo diferente, outros utilizarão do mesmo caminho para o voo no qual foram ensinados a voar, para voarem também, mas o fato está em utilizá-lo.

[...] o professor precisa refletir sobre como ensina, ampliando essa discussão, na direção da necessidade de que o professor reflita também sobre o seu próprio processo de aprendizagem. É preciso que ele se compreenda como “aprendente”. Mas como ser aprendente senão em constante “desequilíbrio”? o que para uma pessoa pode ser uma experiência importante de formação, para outra pode ser algo que não facilite sua aprendizagem. Daí a necessidade de se levar em consideração que, para construir novos conhecimentos é necessário um conhecimento de base (que inclui as experiências pessoais), uma estratégia que possibilite continuar aprendendo e a própria disponibilidade para a aprendizagem (LIMA, 2006, p. 50).

Continuar aprendendo, mesmo com as intempéries provocadas pela incerteza do novo. Huberman (2007) divide o ciclo de vida profissional docente em fases, a primeira, - cuja qual embasa/sustenta nosso pensamento - é a entrada na carreira (2 a 3 anos) compreende o estágio da “sobrevivência” e “descoberta” caracterizada pelo “choque do real”; confronto inicial com as complexidades da profissão.

Se estivéssemos em uma aula de Língua Portuguesa, sendo esta para conjugação de verbos, a professora diria que quem sobrevive, sobrevive à algo. Pois bem, neste contexto seria, principalmente, sobreviver aos desafios internos e subjetivos provocados pelos conflitos de um iniciante em uma profissão nada fácil; à sociedade cada dia mais exploradora; à escola que, como reduto também das mazelas da sociedade encontra-se atentada às suas obrigações, que aumentam a cada dia; os pais que cobram dos professores o que eles não conseguem mais cumprir.

As borboletas iniciantes esperam uma profissão que vá ao encontro de sua doação, para uma melhoria da educação infantil e anos iniciais; esperam dias coroados de abraços cheio de chocolate e beijos babados, os primeiros passos daquele que não sabia caminhar; as primeiras palavras; as primeiras letras; o primeiro texto; as primeiras continhas; o primeiro desenho; o

desenvolver de todos esses. Mas espera também uma escola melhor, uma sociedade mais ativa no quesito envolver-se com os problemas sociais; crianças que não vão à escola na esperança de um prato de comida que satisfaça sua fome; espera-se crianças sedentas de conhecimento e não de arroz e feijão.

Além de tudo isso, o início do borboletear ainda será marcado pelo dever de recrutar aos novos as responsabilidades e funções refutadas pelos mais experientes naquele local

Na realidade, se observarmos como as profissões incorporam e socializam os novos membros, perceberemos o grau de desenvolvimento e de estruturação que têm essas profissões. Não é comum que um médico recém-formado deva realizar uma operação de transplante de coração. Nem muito menos que um arquiteto com pouca experiência assine a construção de um edifício de moradias. Sem falarmos que se deixe um piloto com poucas horas de voo comandar um Airbus 340. (...) Em geral tem-se reservado para os professores iniciantes os centros educativos mais complexos e as aulas e os horários que os professores com mais experiência descartaram. (GARCIA, 2010, p. 32)

Indo ao encontro de Garcia (2010), Perrenoud (2009) menciona algumas características típicas do professor nesta fase de iniciação:

1. Está entre duas identidades, o de ser aluno e de assumir-se como professor;
2. o estresse, a angústia, diversos medos e mesmo momentos de pânico assumem enorme importância, embora eles diminuam com a experiência e com a confiança;
3. precisa de muita energia, de muito tempo e de muita concentração para resolver seus problemas que o profissional experiente soluciona de forma rotineira;
4. a forma de administrar o tempo (preparação, correção, trabalho de classe) não é muito segura, e isso lhe provoca desequilíbrio, cansaço e tensão;
5. passa por um estado de sobrecarga cognitiva devido ao grande número de problemas que tem de enfrentar. Em um primeiro momento, conhece a angústia da dispersão, em vez de conhecer a embriaguez do profissional que “joga” com um número crescente de bolas;
6. geralmente se sente muito sozinho, distante de seus colegas de estudo, pouco integrado ao grupo e nem sempre se sente acolhido por seus colegas mais antigos;
7. está em um período de transição, oscilando entre os modelos aprendidos durante a formação inicial e as receitas mais pragmáticas que absorve no ambiente profissional;
8. não consegue se distanciar do seu papel e das situações;
9. tem a sensação de não dominar os gestos mais elementares da profissão, ou de pagar um preço muito alto por ele;
10. mede a distância entre o que imaginava e o que está vivenciando, sem saber ainda que esse desvio é normal e não tem

relação com incompetência nem com sua fragilidade pessoal, mas que está ligado à diferença que há entre a prática autônoma e tudo o que já conhecera. (PERRENOUD, 2002 apud SOUZA, 2009, p. 37).

Consideramos todos os itens verídicos em nossa prática, e complementamos que embora este autor não cite o estágio de vivência docente nos berçários/maternal/nível I, estes fatos também ocorrem, sendo que na graduação- período de casulo, onde ocorrem as maiores transformações – há poucas referências, e aprofundamento nessas, acerca dos cuidados e ensinamentos com relação à esta fase nas quais as nossas crianças - alunos que estão sob nossa responsabilidades no Instituto para Educação Pré-Escolar Professora Marisa Serrano - se encontram (berçário), provocando-nos grandes desconfortos, como quais atividades poderão ser aplicadas, devido a muitas vezes, a – ainda - inexistência da fala, falta de coordenação motora, pouca atenção às atividades que envolvam leitura.

## 2. Memórias das Borboletas:

Memórias, como abordá-las?

“São as minhas memórias dona Benta.

- Que memórias, Emília?

- As memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo. Neste momento estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Shirley Temple, o anjinho e o sabugo. É um ensaio numa fita para a Paramount.

- Emília! Exclamou dona Benta. Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso?

- Minhas memórias, explicou Emília, são diferentes de todas as outras.

Eu conto o que houve, e o que deveria haver [...]” (LOBATO, 1950, p. 129).

Embora gostaríamos que assim fosse, trataremos as com fidelidade, pois:

memorial (do latim *memoriale*) é a escrita de memórias e significa memento ou escrito que relata acontecimentos memoráveis. O memento – que quer dizer ‘lembra-te’ – de modo geral pode ser compreendido como uma marca que serve para lembrar qualquer coisa (por exemplo, quando amarramos um laço no dedo para não esquecer algo), como uma caderneta onde se anota o que deve ser lembrado ou como um livrinho onde se acham resumidas as partes essenciais de uma questão. Em nosso caso, são esses dois últimos sentidos que tomaremos para tratar do memorial. No ato de anotar as coisas lembradas ou de registrar partes essenciais de uma questão, usamos a escrita, a linguagem escrita. Ao narrar as coisas lembradas, os acontecimentos passados assumem vários matizes e nos dobramos sobre a própria vida. Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte.

Como toda narrativa autobiográfica, o memorial é um texto em que o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes, ou interessantes, no âmbito de sua existência (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 6).

Segundo Prado et al (2011), escrever memórias é sempre uma ação desafiadora, pois o ato de escrevê-las promove o conhecimento de quem somos nós, a reflexão sobre nossos atos e pensamentos, além do desenvolvimento da escrita. Acrescentamos o fato de tomarmos consciência por meio dessa escrita, de quantos desafios são constituídas nosso início da trajetória docente -o finalizar da graduação e o impacto do mercado de trabalho - é o momento que sentamos e colocamos no papel grande partedas nossas angústias:

O meu início como professora (...) não tinha experiência e não houve na minha formação conteúdo sobre bebês e assim fui aprendendo com a prática diária. E a cada dia uma dificuldade surgia, pois tinha que aprender os procedimentos aprendendo (Borboleta I).

Quando ainda na graduação, sentia-me como que em um barco, em alto mar, onde dispunha de pessoas e utensílios que me permitiam sentir uma certa segurança em meio aos perigos presentes neste. Ao findar esse processo dentro da Universidade, vi-me à deriva, não em referência à bagagem interna que possuía, mas as pessoas e meios que me faziam não ter medo, ou melhor, o meu contexto sempre com uma continuidade, não conduzia a instabilidades (Borboleta II).

Vejo que na nossa licenciatura somos habilitadas a cuidar desde berçários /maternais até os iniciais do ensino fundamental porém não temos aulas que nos ensinem como lidar e tratar desses pequenos que hoje em dia vem para nós pedagogas com apenas 4 meses de vida. E nesses aspectos que o professor iniciante em seu início de seu borboletear passa por muitas dificuldades principalmente pelo fato de não ter uma maturidade maternal visto que durante o processo de graduação e familiar não tive contato com bebês (BORBOLETA I).

Por meio de minhas inquietações, verifico a deficiência das universidades em nos apresentar a prática do educar e do cuidar, não o que se refere aos quesitos teóricos, como a história do início das creches, porém a didática em si. Tive e tenho contato com bebês em meu contexto familiar, o que me proporciona uma liberdade/domínio em certos momentos, porém não o suficiente, pois a prática diária envolve situações que não corriqueiras e que necessitam de uma experiência contundente, sendo nestes momentos, o afloramento das minhas incertezas, que gera um desconforto frente a minha prática com as crianças. Sei dessas incompletudes e percebo, hoje – estou há um mês trabalhando no berçário – que devo ultrapassar esses “obstáculos” diariamente (BORBOLETA II).

Percebemos que a universidade em um caso deixa a desejar como um bom casulo e no outro relato ela é como uma âncora, mas concluímos que:

"ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática." (FREIRE, 1991 apud LIMA, 2006, p.78)

Ainda que tenhamos consciência de que

O novo sempre assusta: um lugar novo, colegas novos, chefes, 15 crianças para se responsabilizar, pais e responsáveis esperando pelo meu melhor, por resultados; planejamento, aulas a ministrar com crianças que não falam, algumas que não andam, ainda assim, as aulas devem ser bem elaboradas, os cuidados, os mais detalhados, pois estão na instituição para o melhor. O fato de ser novata voltavam os olhares para a minha pessoa, para a minha prática (Borboleta II).

E assim continuaremos nosso voo, desviando, contornando, nos desfazendo dos predadores. Para assim concretizarmos, almejamos mais “peças de roupas” em nossa bagagem, sendo estas, por meio da formação continuada, que nos move a voos mais altos, contando com movimentos mais auspiciosos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordamos neste artigo os sentimentos e reações que docentes tem ao sair de seu casulo e adentrar na vida profissional (fase de borboleta). Destacando alguns autores que afirmam dilemas pelos quais passamos e que nos auxiliam a melhorar a nossa pratica sendo que a borboleta I está no início de sua prática com apenas dois anos de atividades e a borboleta II está iniciando neste ano a sua jornada. Visto que ambas estão iniciando, e que caracterizam-se professores iniciante aqueles que estão nos seus 6 primeiros anos de docência.

A nossa vida é constituída por muitas histórias, nos atermos a uma história só torna-se complicado, visto que, a nossa pratica docente esta como o amearhar de fios para o construir da grande teia, chamada licenciatura, desde experiências advindas da nossa infância que não necessariamente estão acrescidas da educação formal, mas que partilham desta, parafraseando Clarisse Lispector: “Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só”. Não conseguimos transcrever aqui tudo o que queríamos, porém o necessário a que saibam, consta.

Foi relatado o primeiro contato com o ambiente de trabalho e com ele as dificuldades de convívio até a familiarização de nossas obrigações (rotina,planejamento,cuidados...)

Percebemos a relevância de sempre estarmos em constante aperfeiçoamento assim buscando campos como a psicopedagogia e grupos de estudos para aprofundamento do aprendizado e

conhecimento permitindo um melhor processo de trabalho com nossos próprios alunos, trazendo progresso à prática pedagógica.

É interessante ressaltar que será com as experiências positivas e negativas, que haverá intimidade com o trabalho em si e, com o passar dos anos, nos trarão um conforto maior pensar em aulas mais dinâmicas e bem elaboradas, com atribuições de aprendizados e parcerias com os colegas de trabalho.

Como professoras iniciantes foi muito gratificante detalhar alguns sentimentos recém vividos e transcrevê-los neste artigo para mostrar aos futuros leitores que não há vitórias sem lutas e no nosso caso lutas diárias, pois trabalhamos com diferentes personalidades, sendo elas, nossos pequenos alunos, colegas ou até mesmos os pais. E como borboletas formadas continuaremos nossa jornada em busca de aprimorar nossos voos, pois, repetindo as palavras de Freire (1991), já constadas nesse artigo:

"ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática."

## REFERÊNCIAS

GARCIA, Carlos Marcelo. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. Form. Doc., Belo Horizonte, v.02, n. 03, p. 11-49, ago./dez. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br> . Acesso em 02 de abril de 2014

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). Vida de Professores. Porto: Porto Editora, 2007.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente. Rio de Janeiro. 2º ed. 2004. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/vocabulario.pdf> Acesso em 05 de abril de 2014.



LIMA, A.C.R.E. Caminhos da aprendizagem da docência: os dilemas profissionais dos professores iniciantes. Salvador, 2006. Disponível em: [http://www.tede.uneb.br/tde\\_arquivos/1/TDE-2006-08-05T153346Z-3/Publico/ANA%20CARLA%20RAMALHO%20EVANGELISTA%20LIMA.pdf](http://www.tede.uneb.br/tde_arquivos/1/TDE-2006-08-05T153346Z-3/Publico/ANA%20CARLA%20RAMALHO%20EVANGELISTA%20LIMA.pdf)>. <Acesso em 22 de set. 2013

PERRENOUD, P. A prática reflexiva: chave da profissionalização do ofício. In: \_\_\_\_\_. **A prática reflexiva do ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002, p.11-25. apud SOUZA, Dulcinéia Beirigo de. Os dilemas do professor iniciante: reflexões sobre os cursos de formação inicial. *Revista Multidisciplinar da Unesp. SABER ACADÊMICO* - n ° 08. p. 35-45. Dez. 2009/ ISSN 1980-5950.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação.... In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações.* Campinas, SP: Graf, 2005. Disponível em [http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial\\_GuilhermePrado\\_RosauraSoligo.pdf](http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf). Acesso em 05 de abril de 2014.

PRADO, G. do V. T.; FERREIRA, C. R.; FERNANDES, C. H. Narrativa pedagógica e memoriais de formação: escrita dos profissionais da Educação? *Revista Teias*. 26. ed. v. 12, 2011.